

O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 304



Domingo | Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta | SERIE
30 | Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros | 67.

O MEIRINHO.

Fortaleza, 30 de Setembro de 1883.

Serias precauções há tomado a polícia sobre a horrifica garabulha de moços que estaciona-se às portas dos estabelecimentos, onde são as aulas nocturnas d'esta capital.

Era, verdadeiramente, ludroso o estado que ali abraçavam uns taes senhores que desejam, perante a seria sociedade, ser escoposseados de apreciaveis comportamentos.

Sao os casos, constantemente, tangidos d'esta forma:

— Observa-se a sincera phisionomia de um homem, quando este extramudamente, tem a voejar ao fundo de sua consciencia, ao centro negro de seu pensamento o rachitico nevoeiro da ardilosidade e da corrupção.

Pessoas em tal esphera, em immensa quantidade, se encontra, n'esta capital. Para legitima prova d'isto, apreçamo-nos a lançar uma severa censura sobre as scenas que êmos espectado nas quintas-feiras e domingos no Passeio Publico :

Além de certas molecagens (não praticadas por moleques, parece...) que se tem mirado n'âquelle paragem, somos enraivecidos apreciadores de um acto que ali representou, no domingo ultimo, um caixeiro de uma importante casa commercial de nossa praça, de cujo caixeiro temos vergonha de pronunciar o nome.

O tal arrojado moço do commercio, julgando, talvez, o P. Publico um covil de loureiras, embora pelo fervor da rija alcoholisacão que extrebuchava-se no seu putrido crâneo, abandonava (se taes possuia) o sentimento, a dignidade e a educação, dirigindo palavras obscenas a mulhères publicas, no centro das familias que ali andejavam.

Não temos algumas prevenções com o tal caixeiro; apenas rezamos um horripilante facto por si praticado, o qual testemunhou um elevadissimo numero de pessoas, que domingo tinha-se no Passeio Publico d'esta capital.

Scientificamos ao illustre moço, que tal forma de proceder não é natural em um ponto como o P. Publico; visto como ali onde reunem-se as familias cearenses, só desejam a distração e, os seus angelicos sorrisos embriagar na saudosa harmonia da musica.

Não, queira, pois, o nobre caixeiro, que sejamos patrulhados 'é mesmo n'uma distração seria, onde tem-se quasi os habitantes todos d'esta capital, das 6 1/2 às 9 horas, da noite.

Si deseja dar expansão ao seu instincio negro e turbulentio, busque os lugares para isso reservados que os encontrará muito cedo.

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS.

Ridendo dicere quid verum vitat?

Charissimos leitores ! . . .

Tenho o prazer de apresentar-lhes os meus comprimentos.

Sem mais aquella—vou mettendo os pés, pois tenho muito o que dizer.

E... lá vae obra.

§

Alguns dos leitores leram o ultimo folhetim da Constituição, um que tem por epígrafe—*Recuerdos?*

Provavelmente.

Que tal ?

Quanto a mim — achei-o mesmo pschutt ! . . . Principalmente aquelle pêdaçinho em que fala da Sapho que metteu a cara na areia, e . . . foi preciso concertarem-lhe as roupas e penteados.

Este—valeo por todos!.... Valeo até pela *Nebulosa*, cantada pelo tenor B... M.... e corridas á cavalo.

E o folhetinista conta a cousa como quem vio... .

Abi é que está o bomzão.

§

Amanhã é o grande dia da abertura da Assembléa Provincial.

Vae, pois, ser abrida a futrica ou causa de *deboche*.

Estou bastante contente com isso, pois sei que tenho muita materia para o *Meirinho*.

Oh!... se tenho!... É como sem sem dúvida.

Preparamos nos, pois, para rirmos um pouco.

§

Sen J., por Deus me diga aonde V. tem as ventas?

Na frente ou atras?

V. não está vendo o exemplo do T..., que anda banzeiro que faz pena?

E como é que quer se meter no princípio?

Depois... o mundo se acaba e V. não pode entrar no céo—por causa d'aque-las cousas.

Entende?... É provaes, porque não é cojú.

Joãozinho, deixa o namoro
Da rua de seu Pompeu!
Depois não vas enganchar-te
Nas portadas lá do ceu!

§

Os dois *camafones* da casa do Revd. Dr. Frotas deram coices e patadas, por causa do *Meirinho* ter lhes ido ao coiro.

Ageitem-se, brótos!

O cara da Maria do O'—comeu aranha, e não menos damnado ficou o outro desbriado.

São muito melindrosos os taes cana-lhas!

«Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle», Srs. pedaço d'asno.

Corrijam-se, e têem feito tudo.

Em quanto, porém, isto não fizerei—não lhes deixarei o vazio

Está dito.

§

O nosso Passeio Pùblico está hoje um lugar improprio de ser frequentado por famílias, devido a alguns tipos cynicos desbriados, que costumam ir ali recrear-

rem-se ou dar pastos aos seus instinc-
tos de besta.

Por diversas vezes tenho presenciado ali—cousas repugnantissimas e indecentes.

Ainda no domingo ultimo testemunhei uma scena imoralissima, representada por um moço, que disseram-me ser cai-
xeiro; mas que só pareceu ser—caxor-
ro!...

Chamo a atenção de quem competir—para esta e outras bandalheiras que ali se praticam.

Para os cana-lhas—a rampa é franca.

§

Até que, enfim, a comissão incumbida das loterias cearenses resolveu marcar o dia 24 de Novembro viodouro—para ter lugar a extracção da loteria concedida em beneficio da S. C. de Misericordia e egreja de N. S. do Patrocínio, d'esta capital.

Ora, graças ás gabaças—vae correr a bixa em Novembro!...

Porém... isto será sério ou brincadeira, Srs. da comissão.

Estou tão enfasiado de escutar pa-
lavreado de chimangue que já duvido de tudo e de todos.

Façam a bixa correr, Srs. da churu-
mella.

Por vida dos bigodes de D. Guilherme.

§

Hon'essa!...

Tinha escolhido o Braga e o filho do Itrico para a minha polícia da rua For-
wosa, e ignorava que havia feito uma
grandiosa asneira!

Diabo!... Porém, «quem não sabe é como quem não vê».

Conversando hontem com o Hercula-
no e o L. Mendes foi que soube—que
tinha mettido a cara mesmo de veras.

Os dois cujos ditos ácima menciona-
dos são dois grandicissimos amolado-
res d'aquella rua, e também dois massa-
dores de quanto vizinho ha perto de
suis ellas.

E essa!... Tinha encommendado-
me a bons santos!

Soube até que o menino do Itrico já
escreveu 80 cantas á sua pequena.

Mas, felizmente fui avisado em tempo.
Agora nós, camaradinhas.

§

Chegou o Dr. Thomaz Pompeu, ilus-
trado redactor da *Gazeta do Norte*.

Agora, sim, a casa cheira a homem.
A gente do *zabumba*—os *ariranhas*,
como lhe chama o Geraldo doido,—parece não ter se dado bem com esta vinha. Parece...

E a maior prova é que—não noticiava, ou não deu pitada sobre ella.

Agora era que en desejava ver o *zabumba* do Chico preto tomar *chá de garfo* com a gente da *Gazeta*.

Era só, e mais nada.

Mas, qual! elle não cabe n'esta

§

Contaram-me um facto, leitores, que vou vender pelo preço comprado.

Eis o :

Quando o capitão Rosendo esteve desfato no Assaré, vendo que o Arraz estava muito sujo, mandou dar-lhe um banho de refe, pelo sargentº J. Augusto.

Se este facto é rial—o banho não foi mal empregado; e desde já dou meus parabens ao dr. Curuja.

Deus te dê o céo, capitão Rozendo.

§

Algans dos leitores foram ao baile da *Mutualidade*?

Pois eu fui, e diverti-me bem, pois a festa esteve mesmo boa como o diabo.

Porém vim de lá massado com um filho de um desembargador, que levou toda a dança à contar à cada par que tirava—que tinha ido às festas do Mucuripe, dançado muito, comido *cangulo* com agua de côco, e outras asnieres d'esta ordem.

A tal historia já estava *chapa*, e o moço a repetil-a de momento à momento, escutasse-a ou não o seu par.

Está por que eu digo—que há gente que não anda de quatro pés por que julga que a camara municipal cobra imposto....

Com certeza.

§

Basta, por hoje. Domingo vindouro, se for vivo, prompto

O Frade.

GALERIA DO POVO.

MOTTE.

Mulher casada sem brio
Não se deve tolerar.

GLOZA.

Sinto calor... tenho frio...
Tenho nojo e muito péjo—

Quando junto de mim vejo
—Mulher casada sem brio.
De momento um odio crio,
Mesmo um odio de matar!
Quem já pôde supportar
Mulher, que brio não tem?!
Ninguem, supponho, ninguem!
—Não se deve tolerar.

†

OUTRO.

Namoro sem resultado
Chama-se—tempo perdido.

GLOSA.

Embora fique arpuado
Qualquer *Cupido sem lenço*,
Vou descrever, como penso,
—Namoro sem resultado:
É tempo mal empregado,
É gracejo aborrecido,
É viver sem ter vivido,
É trabalho sem futuro,
É dar passo mal seguro,
—Chama-se—tempo perdido.

†

OUTRO.

Moça baixa e barriguda
Só parece—rata prenha.

GLOZA.

Antes tomar uma ajuda
De pimenta bem ardosa,
Do que querer por espessa
—Moça baixa e barriguda.
Uma tal marca de juda
P'ra minha banda não venha!
Antes ser frade da Peoba
Do que ter d'esses amores....
Tão feia trouxa, leitores,
—Só parece—rata prenha!

†

OUTRO.

O p'riquito de meu bem
É lindo como o diabo.

GLOZA.

Sem me massar com ninguem
Ou comigo me ralar,
Pelo braudo vou glosar
—O p'riquito de meu bem!
É cheiroso, qual cecem,
É bonito, mas sem rabo,
De traquino tem o gabo,
É de alta estimação...
O p'riquito d'este cão—
—É lindo como o diabo!

Laffie.

VARIEDADE.

CORUMBADAS.

Mosquitos, moscas, baratas,
Lagartos, gias, sôcos,
Cutias, raposas, gatas,
Persevejos e pótós,
Venham, a hora é chegada !
É só de coco o baiao,
Que a Dondon engracada
Acorda do violão !

Dá-lhe por cima e por baixo,
Cartucho de mascavão !

Ai, ai, ai ! Que cousa bôa !
Derramo os pés no pagôde ;
Prespego à ré, vou fá próa,
No az ataco-lhe o bôde !
Si bôde é bixo que salta,
Oh ! brinquem com elle, não !...
Que formiga me maltrata
No fundo do coração !

Dá-lhe por cima e por baixo,
Cartucho de mascavão !

Um jangadeiro me diz...
Ui !... Me diz o mundo inteiro
Cousa que fêde à nariz ;
Porém não tem tão mau cheiro !...
Tóca, Felix, marcha, André ;
Rufa na caixa, Janjão...
Da conferencia na fê,
Dengosa, solta o baiao !

Dá-lhe por cima e por baixo,
Cartucho de mascavão !

Pedro Pingvinho.

A PEDIDO.

UF !... UF !... UFÁ !...

Grande inovação !!

O sendeiro de seu Justa, à quem o Sr.
meu besta do eleitorado d'esta parochia
teve a fantasia de fazer juiz de paz,
vem em edital com umas coisas de arti-
ga 24 e não sei o que Revisoria que é
mesmo um lamber de dedo !!

K artiga ! k revisoria ! k pedaço de
bruto !

Consta que o Libera vai pôr embar-
gos allegando direitos de propriedade.

A Maria do Nogueira.

TELEGRAMMAS.

Estrada de Mecejana.

Barata.—Grande bale, sabo, não fal-
ta, mossas bonitas, é da suciadade, tra-
ga quatro cedras.—Martiniano.

Feira velha (bend da carne).

Sr. Martiniano.—Não o conheço, faça
chifrim gente de sua laia, não posso
encher barriga vadio. *Libertador* está
ahi.—Mané Barata.

SEÇÃO BAIXA.

Ao desbriado Adolpho Cão.

Adolpho, traste pôdre, oh ! descarado,
Senvergonha, ruim, baixo tratante !
Infâne, mentiroso, escalavrado,
Alcoviteiro vil, cousa lançante !

Escuta um pedaçinho, um só instante !
Escuta, oh ! safado, um só momento,
Asno baixo, feio, pestilento !
Porque és immoral, tão petulante ?!

Don-te as festas, agora, meu possante
Sendeiro sem igual, cousa ruim !
Nos trôtes, mesmo assim, não és cons-
(tante) :

Recebe mil arrobas de capim !
Vizão descommunal, Judeu errante,
Teus coices infernaes não têm fim !

C.

Derradeiro arranco.

Sempre embirrei e hei de morrer em-
birrando com todas as alcoviteiras, e
principalmente com as da rua do sena-
dor Pompeu.

Se não fessem elas, não andava em boje
penando pelos cantos das casas da rua
da Palma—umas alminhas vivas, que
das 7 as 9 horas da noite ali vê-se !

Por certo !

Pobres alminhas !... Cabiram nos la-
ços das bruxas, se expozaram ao ridícu-
lo e agora estão soffrendo as consequen-
cias de suas facilidades.

Deus se compadeça d'ellas, e dé-lhes
o reino da gloria, para eterno recreio.

O diabo, porém, apropria suas cal-
deiras—para receber as miseraveis al-
coviteiras, origens de tantos males.

Amém.